

16 - Maio - 1906



PAÇO DAS NECESSIDADES

Meu Querido Hiltze

Procuraste-me hontem de Tar-
de para me expôr qual o pen-
samento, do governo da Tua
Presidencia, sobre o modo de
proceder nas actuaes circum-
stancias. Achaudo eu grave
o aboitre proposto, e tem a
execução do qual declaravos
em teu nome e no dos Teus

Collegas, não poder proseguir
no governo, disse-te que desejava
vá pensar maduramente
antes de te dar qualquer
resposta. Tivei toda a
duvida e demorei a resposta
até agora, porque não a
desejei dar, sem me con-
siderar absolutamente habi-
litado, por algumas infor-
mações de que carecia,

a responder-te como a mi-
nha consciencia entende
que o devo fazer.

Entendes tu, e o governo
da tua presidencia, não po-
der prosequir, na presente
situação, sem que eu te
conceda o addiamento das
Cortes que devem abrir ao
começar o proximo mes,
e que este addiamento seja
feito por um simples de-

creto, não sendo ouvido, pre-
viamente o Conselho de Esta-
do. A isto juntaste,
que, feito isto, tomavas a res-
ponsabilidade de estabelecer
a normalidade em Lisboa
pois que nas provincias não
estava ella alterada.

Não me parece conve-
niente o adiamento das
Cortes, que além de trazer
muitos outros inconvenien-
tes provocaria uma inme-



diata, sublevação do espirito
publico, não digo já dos re-
publicanos, essa era logica,
mas de muitos senão de
todos os monarchicos que
se não acompanharam n'
esta occasião. Esta era cer-
ta e é necessario não nos
fazermos illusões a tal res-
pecto, seria lançar para
o numero dos descontentes

já não pequeno, por mo-
tivos e erros que de longe vem
com a massa dos que ain-
da lá não estão. Não me
parece o momento propício
para uma aventura des-
tas, e a responsabilidade
do decreto, ainda que apa-
rentemente só acto do po-
der executivo, recairia
mais uma vez sobre
o Rei, a quem todos pedi-

riam a responsabilidade
da sua assignatura, e a-
peccas serviria para o des-
prestigio da instituição mo-
narchica, em vez de ser-
vir para a sua consoli-
dação. Fazendo-o, o
Governo depois só se pode-
ria conservar pela violencia
e pelo terror, e mal está
para aquelles que só desta
maneira se podem susten-
tar. Creio que ha outros
meios a empregar para

Chegaríamos ao unico resul-
tado a que devemos tender
todos que é o bem do Paiz.

A repressão violenta pôde
e deve ser empregada quan-
do seja absolutamente ne-
cessaria para a salvação pu-
blica; nunca, quando haja
outros meios a empregar, e
esses, creio-o, ainda os ha.

Vês bem que por este mo-
tivo, em minha Consciên-
cia, vejo-me obrigado a



recusar ao Governo
da Sua Presidencia o ad-
diamento que elle me pede.

Não demonstra este
meu modo de proceder
falta de confiança pessoal
quer em ti, quer em qual-
quer dos teus collegas, mas
tra apenas differença es-
sencial no modo de pensar
sobre a maneira de pro.



Ceder nas actuaes conjuncturas.
 Tuas. O Hincte e os
 seus collegas pensam por
 uma forma; eu por outra
 que a tua consciencia julga
 ser melhor

sempre
 teu amigo ver

M. R.

P. S. Se assim o entenderes

Conveniente pôdes ler
esta Carta em Conselho
de ministros



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA
ARQUIVO HISTÓRICO PARLAMENTAR